

# ASILO NAS TORRES: UM OLHAR SOBRE A FICÇÃO CIENTÍFICA FEMININA NO BRASIL

*Asilo nas Torres: a look at Female Science Fiction in Brazil*

*Naiara Sales Araújo*

 <http://orcid.org/0000-0002-9362-559X>

Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Humanas, São Luís, MA, Brasil.  
65065-545 – [coler@ufma.br](mailto:coler@ufma.br)

**Resumo:** O presente estudo visa refletir sobre a Ficção Científica de autoria feminina, no Brasil do século XX. Durante muito tempo, esse gênero permaneceu marginalizado, sendo considerado pouco representativo dentro da agenda artística nacional. Seu caráter especulativo e futurístico, associado aos avanços tecnocientíficos, parecia não dialogar com o cenário sociocultural brasileiro, o que limitava sua expressividade. Pesquisas mais recentes vêm lançando olhar mais atento às produções especulativas produzidas a partir do início do século XX, sobretudo aquelas produzidas por mulheres, e mostrado que esse gênero vem sendo fortemente usado como veículo de reflexões e elucubrações no tocante às transformações sociais ocorridas em decorrência dos avanços tecnológicos. Nesse sentido, tomaremos como objeto de análise a obra *Asilo nas Torres* (1979), de Ruth Bueno, escrita em um momento histórico conturbado de transformações sociais. Como suporte teórico, traremos à baila os estudos do crítico de Araújo (2018; 2016), Ginway (2010; 2004) e Shaw (2010), dentre outros.  
**Palavras-chave:** Ficção Científica Brasileira. *Asilo nas Torres*. Ruth Bueno.

**Abstract:** This study aims to reflect on Science Fiction of female authorship during the twentieth century in Brazil. For a long time, this genre remained marginalized, being considered unrepresentative in the national artistic agenda. Its speculative and futuristic feature, associated with scientific technological advances, seemed not to dialogue with Brazilian social and cultural scene limiting its expressiveness. More recent researches have been taking a closer look at the specified productions from the beginning of twentieth century, especially on women production, and have shown that this genre has been used as a vehicle for reflections and critiques when it comes to the social transformations that occurred as a result of technological advances. In this sense, we will take as object of analysis *Asilo nas Torres* (1979), by Ruth Bueno, written in a historical moment of social transformations. To do so, we build on the literary scholarship of Araújo (2018; 2016), Ginway (2010; 2004) and Shaw (2010), among others.

**Keywords:** Brazilian Science Fiction. *Asilo nas Torres*. Ruth Bueno.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

## Introdução

No Brasil, a literatura de Ficção Científica foi, durante muito tempo, marginalizada por ser um gênero comumente associado ao desenvolvimento tecnocientífico e por ter origem diretamente relacionada às grandes potências mundiais. Não obstante a esse pensamento errôneo, pesquisas recentes têm mostrado que muitos autores brasileiros lançaram mão desse gênero para registrar mudanças sociais ocorridas a partir dos avanços tecnológicos ou para promover reflexões sociais acerca das incertezas decorrentes desses avanços (ARAÚJO, 2018).

É possível encontrar marcas do gênero Ficção Científica em obras nacionais já no final do século XIX e início do século XX, como enfatiza Naiara Sales Araújo (2016). Como exemplo, a autora cita as seguintes obras: *Páginas da História do Brasil* (1868-1872), de Joaquim Felício dos Santos; *O Doutor Benignus* (1875), de Emílio Zaluar; *Esfinge* (1906), de Coelho Neto; *A era do automóvel, A fome negra e O dia de um homem em 1920* (1911), de João do Rio; *O Reino de Kiato* (1922), de Rodolpho Theophilo; *A Amazônia misteriosa* (1925), de Gastão Cruls; *O Presidente negro/O choque das raças* (1926), de Monteiro Lobato, e *Sua Excia. a Presidente da República no ano 2500* (1929), de Adalzira Bittencourt.

Vale ressaltar que, embora a Ficção Científica seja frequentemente associada ao público masculino, a presença feminina é marcante desde a primeira obra reconhecidamente pertencente ao gênero: *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley (2000). Esta é considerada, por muitos críticos, a mãe da Ficção Científica (SHAW, 2010, p. 3). Ademais, nas últimas décadas, a Ficção Científica tem sido utilizada pela autoria feminina como uma possibilidade de questionar o que está em voga, propondo novas visões de mundo e uma sociedade mais igualitária. Acerca dessa relação existente entre Ficção Científica (FC) e mulheres, Debra Shaw – pesquisadora de FC e crítica literária – afirma:

[...] women writers have, throughout this century, consciously or unconsciously, utilized the freedoms offered by the forms of science fiction to similarly expose the gender-biased ideology, which informs what counts as scientific knowledge, and to offer surprising and often revolutionary alternatives to the future visions of their male counterparts<sup>1</sup>. (SHAW, 2010, p. 2).

Portanto, o fato de escritoras utilizarem a Ficção Científica para projetar suas críticas e reflexões é também um modo de mostrar a racionalização do pensamento feminino, outrora rotulado como emotivo e, por vezes, desprovido de razão. Stableford (1984), por exemplo, aponta que “several feminist writers have used SF as a vehicle for designing societies free of male domination<sup>2</sup> [...]” (STABLEFORD, 1984, p. 55), demonstrando a possível liberdade que o gênero propicia às escritoras em razão de seu caráter especulativo e futurista.

---

<sup>1</sup> “[...] escritoras têm, ao longo deste século, consciente ou inconscientemente, utilizado as liberdades oferecidas pelas formas de ficção científica para expor de forma semelhante a ideologia com viés de gênero, que informa o que conta como conhecimento científico, e para oferecer surpreendente e muitas vezes alternativas revolucionárias para as visões de futuro das suas contrapartes masculinas.” [tradução nossa].

<sup>2</sup> “várias escritoras feministas têm usado a FC como um veículo de criação de sociedades livres da dominação masculina” [tradução nossa].

Nessa perspectiva, este estudo tem como objetivo refletir acerca da Ficção Científica no Brasil, mais precisamente no que concerne à contribuição feminina para o desenvolvimento do gênero no século XX. Para tanto, será analisada a obra *Asilo nas Torres* (1979), de Ruth Bueno, enfatizando, sobretudo, o tratamento dado às temáticas referentes à mulher, à natureza e ao estilo de linguagem adotado pela autora para driblar a censura, uma vez que a obra foi escrita durante o Regime Militar.

### **A Ficção Científica Brasileira escrita por mulheres: um olhar sobre *Asilo nas Torres***

Embora não seja um gênero amplamente difundido no Brasil, a Ficção Científica vem sendo palco de grandes discussões quando diz respeito às empreitadas femininas no âmbito social, político e cultural. A partir de meados do século XX, foram publicadas no país obras escritas por mulheres e que merecem destaque, tais como: *Margarida La Roque: a Ilha dos Demônios* (1949), *A Muralha* (1954), *O céu Anterior* (1961) e *Eles herdarão a Terra* (1960), de Dinah Silveira de Queiroz; *Ma-Hôre* (1961), de Raquel de Queiroz; *Asilo nas Torres* (1979), de Ruth Bueno e *Exercícios de Silêncio* (1983), de Finísia Fideli. Contudo, foi na década de 90 que a Ficção Científica, de fato, teve sua época fértil no Brasil (ARAÚJO, 2016), pois os anos de 1990 representam o momento de intenso desejo de o país se desligar das influências estrangeiras.

Analisando trabalhos dessa época, é possível notar um alto nível de inovação em termos de estilo, temas e abordagens. Destaca-se, aqui, *O Demônio do Computador* (1997), de Marcia Kupstas, autora que posteriormente publicaria “*Gepetto*”, na coletânea *Como era Gostosa a Minha Alienígena! Antologia de Contos Eróticos Fantásticos* (2002), organizada por Gerson Lodi-Ribeiro (2002). Além de Kupstas, escritoras como Martha Argel, Adriana Simon, Carla Cristina Pereira, Michelle Klautau, Marina Albuquerque, Helena Gomes, Fernanda Bohm e Simone Saueressig surgiram como grandes nomes da produção literária nacional.

Analisando obras publicadas nos séculos XX e XXI, M. Elizabeth Ginway (2010) reconhece que as mulheres, a partir da década de 70, começaram a aparecer de maneira mais atuante na Ficção Científica, com trabalhos publicados geralmente em antologias. Todavia, foi somente no início do século XXI que surgiu a primeira antologia de contos escritos apenas por mulheres. A pesquisadora observa:

Traçando os papéis sexuais em textos de ficção científica escritos por mulheres brasileiras ao longo dos últimos vinte anos, certos padrões começam a emergir. Um grupo de autoras publicando durante os anos oitenta e noventa emprega protagonistas masculinos que são transformados por mulheres, enquanto outras usam heroínas para satirizar os papéis tradicionais de mulheres e homens [...] algumas das publicações mais recentes mostram a influência de ideologia feminista no seu uso de protagonistas femininas e de heroínas no gênero da fantasia, enquanto outras usam um gênero relacionado ao horror para explorar a experiência feminina de sexualidade e vulnerabilidade na sociedade. (GINWAY, 2010, p. 162).

O modo como as mulheres ganharam espaço na produção de Ficção Científica, no Brasil,

foi se alterando conforme a abertura democrática da sociedade, de maneira geral. Entretanto, ainda que atualmente se tenha mais liberdade do que em décadas precedentes, sabe-se que ainda são muitos os desafios para mulheres no meio literário, em se tratando dessa temática. Ainda assim, as escritoras Lady Sybylla e Aline Valek (2013), assumindo uma postura declaradamente feminista, organizaram uma coletânea de contos, intitulada *Universo Desconstruído: Ficção Científica Feminista*, focando, entre outros temas, na desconstrução dos papéis de gênero tradicionais, ainda tão presentes na FC.

Para este estudo, daremos enfoque a *Asilo nas Torres*, de Rute Bueno, obra literária publicada pela primeira vez em 1979 e frequentemente identificada como uma das obras de Ficção Científica mais expressivas escritas durante o Regime Militar. Bueno traz uma narrativa distópica e futurística, onde a condição humana é moldada e determinada por avanços tecnológicos que, astuciosamente utilizados por governantes, desumanizam o homem, desprovendo-o de relacionamentos e afetividade, como se percebe no trecho: “A multidão se reunia de manhã, dispensava-se à tarde, todos estranhos uns aos outros, a amizade em mimetismo, através do convívio frio e distante imposto pelo sistema vigente nas torres” (BUENO, 1979, p. 20).

A presença marcante do desenvolvimento tecnocientífico é fator primordial para o defecho da narrativa que, por vezes, aglutina a ação do homem com a ação das máquinas. Assim, a autora lança mão de alegorias e metáforas para compor sua crítica. Como advogada, professora e feminista, Ruth Bueno se posicionou contra a opressão e a repressão e se tornou uma importante voz em favor dos direitos das mulheres. Como ativista feminista, representou o Brasil, em várias ocasiões, na Europa e nos Estados Unidos, participando de programas e conferências das Nações Unidas sobre direitos humanos.

*Asilo nas Torres* é a contribuição de Bueno para o gênero Ficção Científica, bem como para as discussões sobre os problemas ecológicos que aconteciam no Brasil e no mundo durante os anos de 1970. Sendo caracterizada como distopia, subgênero da Ficção Científica, (GINWAY, 2004), a obra de Bueno, juntamente como a obra de Maria Alice Barroso, intitulada *Um dia vamos rir de tudo isso* (1976), representam a colaboração feminina em meio a um grupo expressivo de obras distópicas produzidas por homens durante a década de 70, portanto, durante o Regime Militar.

A narrativa gira em torno de uma cidade formada por torres localizadas em Saturno, onde os habitantes são controlados e privados de liberdade. Atenção especial é dada a três torres brancas iguais, mas de diferentes alturas. O rei mora na terceira e menos luxuosa, chamada “Torre do Vento”, onde portas e janelas nunca estão abertas. Dentro dessa torre, existem os personagens mais importantes da narrativa: o rei, Salomé, a rainha das harpias – metade pássaro, metade mulher –, Assunta, uma jovem virginal, e o poeta favorito do rei. Salomé, Assunta e Maria Leque, uma prostituta, são as únicas personagens chamadas por seus nomes; as demais são chamadas pela primeira letra do nome, apenas.

Assunta é uma moça que está sempre tentando encontrar, no passado, razões para continuar vivendo. Seus frequentes monólogos demonstram que um dia fora feliz. Ela é a única

que parece incomodar Salomé, provavelmente por causa de seu relacionamento com o poeta. Salomé, por sua vez, sempre está tentando envenená-la com seus óleos aromáticos.

As torres são sempre monitoradas por grupos especializados, preparados para qualquer emergência. Alguns trabalhadores podem dormir em casa, fora das torres, mas qualquer tentativa de fuga resultaria em punição. Ademais, máquinas são programadas para dividir qualquer grupo de pessoas que pretende se organizar e homens conversarem entre si nos corredores ou durante o trabalho não é permitido. Como consequência disso, alguns aprendem a falar apenas movendo os lábios, ou seja, sem produzir som, para que suas vozes não possam ser gravadas e registradas. E ainda assim, com regras tão rígidas, para cada homem que sai das torres, cinquenta outros querem entrar.

Embora os habitantes das torres não tenham nenhum relacionamento afetivo, eles são chamados de “família das torres”; uma grande família unida por laços indelévels. Existe também um grupo formado por requerentes de asilo, que vivem em silêncio e se sentem prisioneiros, além de outro formado por uma grande multidão de pessoas que vivem suas vidas como se fossem membros de uma grande família disfuncional, na qual a competição é o instrumento mais importante de sobrevivência.

Nas torres, as mulheres não têm oportunidade de expressar suas ideias, exceto Salomé, que pode enfeitiçar seus muitos maridos com sua magia e, por isso, tem importância nas torres. A feiticeira é também protetora e conselheira do rei; sua magia pode mover o vento e alterar as condições climáticas para que todos a tenham. Não faz parte do comitê do rei, porém, como tem algum conhecimento sobre alquimia e magia, facilmente pode convencê-lo a realizar seus favores. O rei, por seu turno, representa poder absoluto e faz apenas uma aparição pública por ano, como forma de manter sua autoridade e mistério. Já as pessoas não têm esperança de que haja mudanças políticas em seu reinado.

Nas torres, não há passado, mas apenas presente; dia e noite são irrelevantes; seus holofotes são suficientes para dar luz e vida. Tudo é novo e moderno: novas ideias, novas pessoas, novas máquinas, novos sonhos, novas fórmulas e novos padrões. De mais a mais, embora os habitantes aceitem as ordens do rei, alguns se sentem sufocados com a falta de liberdade – até o dia de barbear é regulamentado –, enquanto algumas mulheres são punidas por causa de suas vidas moralmente repreensíveis. Estas agem como prostitutas e desafiam as regras das torres. Maria Leque é uma delas. Quando sobe e desce das torres, os homens lembram a experiência inesquecível de fazer sexo com ela. A maioria deles dormiu em seus braços e por isso ela morre misteriosamente.

O romance termina com a morte do poeta, que comete suicídio e desfalece nos braços de Assunta. Então, quando Salomé percebe que nem a morte pôde separá-los, enlouquece e também morre. Porém, depois disso, Assunta é enfeitiçada pelo canto das cigarras (grilos) e começa a sangrar pelo peito, como se fosse água jorrando incessantemente. O arco-íris aparece no céu, trazendo com suas cores o anúncio do amanhecer. O sangue de Assunta alimenta o chão e, então, renova o círculo da vida.

O resumo ora apresentado faz pouca justiça ao estilo da escritora, contudo, por meio desse

breve relato é possível ver quão profundamente Bueno (1979) entra em questões relacionadas a gênero e natureza. Nota-se que a posição social das mulheres e sua relação com a natureza são questões cruciais no romance de Bueno (1979), visto que essa obra foi escrita no período em que as discussões feministas estavam sendo debatidas pela primeira vez no Brasil – Ruth Bueno participou de muitos dos primeiros debates sobre feminismo.

Nesse sentido, vale ressaltar fatos relevantes ocorridos nesse período. Durante a década de 1970, por exemplo, houve um crescimento significativo do número de mulheres admitidas nas Universidades. Em 1971, as mulheres representavam 41,5% dos estudantes universitários e em 1975 esse número cresceu para mais de 50%. Por esse motivo, questões de identidade e status das mulheres começaram a ser seriamente discutidas em debates acadêmicos, dentro e fora das universidades. Daí, estudos como *A Estrutura dos Direitos e Deveres da Mulher no Código Civil* (1972), de Ruth Bueno, *Emancipação da Mulher*, de Maria Lúcia da Silva (1973) e *Mulher, Objeto de Cama e Mesa*, de Heloneida Studart (1974) surgiram a partir de eventos organizados para debater a posição feminina na sociedade.

Ao identificar e discutir o tratamento das mulheres na sociedade brasileira, Bueno (1972) chama a atenção para o modo como estas historicamente não têm voz, são submissas e exploradas. Seu artigo estimulou muitas outras publicações, que por sua vez abordavam questões relacionadas a sexualidade, raça, gênero, cultura, política e religião. Além das questões feministas presentes nos debates acadêmicos, esses temas começaram a aparecer nas produções artísticas, incluindo teatro, literatura e cinema, embora discretamente. Por outro lado, não é de se surpreender que tais debates tenham sido influenciados por ações de movimentos já ocorridos nos anos 60 em outros países, como os Estados Unidos, onde as feministas questionavam o sexismo institucional, o fundamentalismo científico e sua neutralidade e objetividade.

Todavia, em terras brasileiras, os estudos feministas diferiam daqueles realizados nos EUA, pois a falta de recursos financeiros nesse campo colocavam as mulheres brasileiras em posição delicada, afinal, tiveram de ceder aos critérios institucionais, o que tornou difícil a abordagem de temáticas como sexismo institucional ou fundamentalismo científico. Como precisavam de apoio financeiro para suas pesquisas, deveriam comprovar que aquilo que estudavam era rigorosamente científico e objetivo. Em outras palavras, enquanto a comunidade acadêmica exigia neutralidade científica, o movimento feminista exigia um compromisso mais político.

Outrossim, é importante lembrar que a maioria das mulheres acadêmicas estava ligada a movimentos feministas e a discursos de esquerda que eram contra o autoritarismo e as desigualdades sociais, principalmente, tendo de expressar suas opiniões de modo que a censura não pudesse detectar qualquer tipo de comportamento rebelde, pois qualquer oposição direta ao Regime Militar poderia terminar em repressão física. Assim, a melhor maneira de evitar a censura era por meio do uso de metáforas ou ironia, para que apenas aqueles que pertencessem ao mesmo grupo pudessem entender o significado real das palavras. Assim, *Asilo nas Torres* é fortemente marcado por expressões irônicas e metafóricas. O silêncio também foi uma manifestação importante de dissidência literária durante a Ditadura.

Comentando a situação opressiva sofrida por muitos artistas durante essa época, Elizabeth Ginway (2004) destaca o papel do silêncio na esfera artística e cultural: “Palavras, que eram tão importantes para contestar e desafiar o regime, agora eram ambíguas e impotentes, e o poder do silêncio tornou-se uma das armas mais importantes” (GINWAY, 2004, p. 120). Para alguns ativistas, o silêncio não representou o fim dos protestos contra o regime, mas sim um tempo para se repensar as maneiras de contestá-lo.

No romance de Bueno (1979), Assunta, a protagonista, é prisioneira de seus próprios sonhos e memórias. Se, por um lado, seu silêncio parece perpetuar o discurso patriarcal que tende a erotizar as mulheres ou a simbolizá-las como o Outro, por outro, ela representa uma ruptura no sistema. É ela quem consegue passar despercebida pelos seguranças, provavelmente porque, aparentemente, não poderia representar qualquer ameaça ao sistema.

Assunta desceu pelas escadas olhando em torno para ver se vinha alguém; dirigiu-se para um dos jardins, desaparecendo atrás das pilastras brancas. Nesse dia não voltou, deixando o descampado antes que o arco-íris aparecesse no céu. Levava consigo papéis e livros, tantos que seu peso forçava-a a inclinar-se para um lado buscando o equilíbrio. (BUENO, 1979, p. 59).

Claramente, a autora fez uso desse silêncio deliberado e político contra o Regime Militar e de seu impacto no papel da mulher na sociedade brasileira. Ao fazer isso, ela combina perspectivas feministas aos discursos ambientalistas, mostrando que o ativismo feminista pode ter um papel significativo na construção de uma nova sociedade.

A passagem acima evidencia dois elementos importantes do discurso feminista de Ruth Bueno (1979): primeiro, ela apresenta a mulher e a natureza como cúmplices. O jardim, o arco-íris e o céu parecem ser aliados de Assunta, representando seu lugar seguro. Nessa perspectiva, a discriminação contra as mulheres e a natureza é agravada pelo processo de modernização. Em outros termos, assim como a natureza é devastada e deslocada pela tecnologia, as mulheres são ignoradas, como se não pudessem contribuir para o progresso da sociedade, ou seja, seriam meras subalternas sem vozes e sem ideias.

Em segundo lugar, Bueno (1979) demonstra uma indicação de mudanças no comportamento das mulheres, expressas pela proximidade de Assunta com ‘papéis’ e ‘livros’, o que sugere a intenção de agir pela razão. Não surpreende que, dadas as circunstâncias em que a obra foi escrita, o estilo da escritora exija uma leitura cuidadosa, a fim de que suas reais intenções possam ser identificadas.

Nessa discussão, Spivak (1994) argumenta que o papel do escritor é investir na transação entre orador e ouvinte, porque a intimidade das mulheres é criada pelo seguinte fato: mesmo quando pronunciam palavras, ainda são interpretadas mediante procedimentos conceituais e metodológicos incapazes de entender com precisão suas intervenções. Spivak (1994), nesse sentido, refere-se às maneiras estereotipadas pelas quais as mulheres são vistas pelos sistemas patriarcais: são seres imutáveis. Para a crítica e teórica indiana, não é verdade que a mulher subalterna não fala, mas que outros não a entendem. Ou seja, há uma falha de comunicação na transação entre falante e ouvinte, assim, o silêncio da mulher como subalterna resulta de uma

falha de interpretação e não de uma articulação.

A esse respeito, o investimento de Bueno (1979) é ambíguo: aparentemente, Assunta é uma mulher submissa e que se comporta conforme as ordens que lhe são impostas, sem contestar o sistema – é assim que o Regime permite que a mulher se comporte. No entanto, em uma análise mais atenta, é possível identificar atitudes rebeldes de Assunta, expressas por seu silêncio ou por sua linguagem enigmática e metafórica

Monólogo de Assunta vivendo lembranças na sala de escuta.

- Pensa um pouco, tudo passa e isso de dizer que tudo passa é lugar comum. Tomo pra mim essa realidade e considero a vida feita de mil mortes, instantes somados fazem as vivências, logo tu bem vês que, morrendo vivo.
- Morrendo a cada instante, bem entendido.
- Esse minuto de agora, há pouco já partiu.
- Olho pra trás, mas vejo as coisas mortas, e, no entanto elas vivem.
- Perdi muito, tanto, quando ainda não pensava assim. (BUENO, 1979, p. 90).

Assunta se lembra do passado e do presente como se houvesse vivido os dois tempos e testemunhado a experiência de uma sociedade imutável. Presumivelmente, ela não acredita em mudanças sociais, mas ao final de seu monólogo nos faz entender que sua mente mudou e que agora pensa de maneira diferente: ‘quando eu não pensava assim ...’. O estilo de Bueno (1979) é, por vezes, uma estratégia para escapar da censura, e é por isso que seu discurso parece ser dirigido a uma audiência seletiva, ou seja, apenas algumas pessoas podem entender sua verdadeira mensagem.

Nessa acepção, pode-se fazer um paralelo ao que Gemma Robinson (2004) diz sobre o papel do poeta na sociedade, ao analisar os poemas de Martin Carter: “se os poetas não escrevem simplesmente para si mesmos, devem, em algum nível, escrever para as pessoas com quem compartilham o mundo ” (ROBINSON, 2004, p. 46). No caso de Ruth Bueno, o público é formado por intelectuais que compartilham os mesmos sentimentos sobre a Ditadura militar brasileira.

De fato, a escritora está vinculada a esse silêncio ambíguo e cúmplice a que já nos referimos. Além disso, a ideia de que o papel das mulheres poderia mudar durante os primeiros anos da Ditadura foi percebida apenas por um pequeno grupo de intelectuais que, por seu lado, se opuseram às decisões do governo. Na realidade, a maioria das pessoas não acreditava em nenhum tipo de mudança, como podemos verificar na passagem: “Eles não discutiam a fala do rei porque sabiam que todas as falas de todos os reis são parecidas e que se as torres mudassem de rei, pouca coisa mudaria” (BUENO, 1979, p. 11).

Ao mostrar como o discurso do governo se perpetuou ao longo dos anos, Bueno (1979) destaca não apenas a repetição do discurso, mas também a manutenção de um regime, que agora é apresentado em trajes modernos. Ironicamente, mesmo em um ambiente moderno, a figura do ‘rei’ ainda é intocável: “O carro veloz em que o rei viajava era feito à prova de todos os machos...” (BUENO, 1979, p. 10). Ou seja, o carro do rei não era apenas à prova de balas, mas também garantia que o descontentamento expresso pelo povo não chegasse aos seus ouvidos.

Durante os anos 70, graças ao crescimento do Estado tecnocrata e ao crescente número

da presença feminina nas universidades, muitas mulheres de classe média começaram a exercer profissões anteriormente dominadas por homens. Se vista de uma perspectiva patriarcal, essa mudança no status da mulher seria perigosa para a sociedade como um todo, porque esses movimentos ameaçam reverter a posição dos homens, equalizando o status educacional, social e político das mulheres.

Nessa discussão, Ruether (2005) afirma que os fundamentalistas querem que pais e maridos sejam estritamente dominantes sobre filhas e esposas. Eles acreditam que homens e mulheres devem ser definidos como tendo naturezas e papéis totalmente diferentes, enraizados na lei divina e, portanto, não sujeitos a modificações ou mudanças. Nesse viés, as mulheres deveriam ficar confinadas em casa, voltadas apenas para a criação dos filhos e a serviço dos maridos, o que é profundamente enfatizado em *Asilo nas Torres*:

São machos e fêmeas, mais machos que fêmeas, os machos comandam, as fêmeas cumprem. Poucas, pouquíssimas mandam e mesmo mandando pouco, cumprem. Fêmeas que servem trazem os pratos e os copos nas mãos. Fêmeas que não querem ter vez. Poucas fêmeas falam; a maioria espreita. (BUENO, 1979, p. 25).

Essa passagem caracteriza a tradição dominante e antiga que identifica as mulheres como inferiores. Porém, ao mesmo tempo que Bueno (1979) critica esse ponto de vista patriarcal, também destaca a necessidade urgente de as mulheres levantarem a voz e mudarem de atitude. Nesse sentido, a sexualidade é crucial, pois a autora enfatiza a forte associação que existe entre o status de uma mulher e sua sexualidade, sendo esta última frequentemente definida como propriedade de seu marido, para estar totalmente à sua disposição, e não sob o controle da própria mulher.

No romance, a autora parece rejeitar essa moralidade tradicional, mostrando formas mais livres de sexualidade e, ao fazer isso, correu o risco de contribuir para a perpetuação do discurso que descreve as mulheres como objetos sexuais. Nitidamente, a prostituta Maria Leque representa não apenas a imagem tradicional da mulher como objeto sexual, mas também a ruptura da epistemologia da dominação masculina. Seu comportamento rebelde combina com a capacidade de dominar os homens pelo ato sexual e também com a capacidade de mudar seu próprio destino. E embora fosse prostituta, antes de morrer se casou e gerou uma imagem pública completamente diferente de si mesma.

Vale ressaltar que, mesmo considerando o casamento uma outra forma de submissão ao patriarcado, Maria Leque o utiliza para mostrar seu controle sobre qualquer situação. Relendo *Asilo nas Torres*, Ginway (2004) afirma que a estratégia de Bueno é perigosa porque parece contribuir para a repetição do discurso patriarcal. Além disso, apesar da intenção da escritora mineira de mostrar possibilidades de mudanças nas atitudes das mulheres, Maria Leque e Assunta morrem, o que parece sugerir a impossibilidade de uma mudança social real. Nas palavras de Ginway,

É paradoxal, no entanto, que Bueno, advogada praticante e crítica social feminista, confie na harpia devoradora e na virgem sacrificial para representar

a luta contra o regime, representando o conflito em termos dedutivos de bem versus mal, natureza versus tecnologia. (GINWAY, 2004, p. 118).

Ginway (2004) continua afirmando que, ao mesmo tempo em que Bueno captura a experiência feminina desse período de transição social, política e econômica, o papel das mulheres permanece um pouco limitado. Para essa crítica, a visão da escritora e advogada não diferia muito da visão de outros autores que, por sua vez, não mostravam qualquer envolvimento sério com a luta das mulheres em prol de uma melhor posição social. No entanto, em uma análise mais detalhada acerca da linguagem adotada pela autora, é possível perceber um investimento, de maneira quase imperceptível, em razão do uso de metáforas e ironias, como forma de resistência ao discurso dominante.

No tocante às figuras de linguagem empregadas na obra, vale ressaltar que são elementos importantes para a construção do próprio estilo literário da autora, inclusive muito semelhante à maneira como alguns compositores criticavam o governo durante o Regime Militar – como é sabido, o potencial de ambiguidade da música permitiu que os censores aprovassem letras com duplo significado. Mas, ao que parece, as críticas de Bueno são menos diretas e ofensivas. Ademais, por ser mulher, recebia menos atenção dos censores.

Em termos literários, a Ficção Científica era vista como um gênero estrangeiro e, por esse motivo, não podia representar nenhuma realidade nacional. Assim, no momento da publicação, poucas pessoas podiam entender a crítica de Bueno (1979) e, devido à sua opção por usar uma linguagem predominantemente metafórica, o romance não foi bem-recebido, mesmo por quem gostava do gênero especulativo.

Em *Asilo nas Torres*, a ativista apresenta uma sociedade na qual as pessoas têm de viver sem passado, como se tudo tivesse sido destruído: “O sistema de ontem morria. As torres não tinham passado, viviam com o presente (BUENO, 1979, p. 31). Pouco a pouco, os trajes antigos foram substituídos por novos. Sem passado, nenhuma relação harmoniosa poderia ser cultivada entre as pessoas que se comportam como se não fosse necessário um vínculo familiar para viver neste mundo moderno.

A multidão se unia de manhã, dispensava-se à tarde, todos estranhos uns aos outros, a amizade em mimetismo, através do convívio frio e distante imposto pelo sistema vigente nas torres. A amizade entre eles era frágil como as velas cujas chamas se apagam ao mais leve sopro. (BUENO, 1979, p. 20).

Essa passagem é uma alegoria ao estilo de vida que o período da Ditadura impôs à sociedade como um todo. E embora claramente fizesse uma crítica ao governo, a ativista não foi identificada por possíveis censores, pois, como dito anteriormente, a Ficção Científica era vista como um gênero internacional e, portanto, não oferecia qualquer tipo de ameaça ou resistência à defesa nacional. Conforme descrito por um narrador onisciente, esse novo ambiente oferece um estilo de vida muito diferente, que afeta a maneira como as pessoas se relacionam.

Considerando que um dos mitos mais recorrentes relacionados à identidade nacional é o de que os brasileiros são dóceis e amigáveis, pode-se afirmar que há uma crítica velada à

intenção do governo de inibir relacionamentos afetivos e sólidos dentro das torres. Na obra, os relacionamentos íntimos não existem e essa mudança no comportamento das pessoas é influenciada pelo processo de modernização que tende a desumanizar o homem e a gerar um novo tipo de civilização. A esse respeito, Weaver (2010) afirma que há uma forte tendência nos textos especulativos para relatos lineares de tempo que descartam a história e enfatizam o presente.

Do mesmo modo, no discurso totalitário há uma rejeição ao passado, principalmente se esse passado estiver relacionado a grupos minoritários, desfavorecidos ou menos afortunados. Bueno estava ciente do impacto do ambiente moderno imposto pelo Regime Militar sobre o povo brasileiro, particularmente sobre aqueles que não têm nenhum tipo de benefício na sociedade. Assim, ela representa a situação como neocolonial. De mais a mais, a devastação causada pela necessidade de substituir o ambiente antigo por um mais tecnológico é muito semelhante à apresentada nos tempos coloniais, quando os colonizadores rejeitaram a história indígena e impuseram sua inovação e seus costumes.

Nesse seguimento, Bueno (1979) revela a realidade que o processo de modernização tende a esconder. A personagem Assunta, por exemplo, marca a presença dessa memória histórica, afinal, ela vive em um mundo novo, mas, evidentemente, mantém em mente as memórias antigas, como se fosse a única sobrevivente de um país que fora destruído. Para Ginway (2004), Assunta, cujo nome faz alusão à Assunção da Virgem Maria ao céu, desempenha o papel de uma donzela virginal e guardiã do povo nas Torres, além de conservar os valores culturais que esse ambiente futurista tenta destruir. Com sua morte, ela inicia um novo ciclo histórico; seu sangue alimenta e renova a terra, o que sugere uma continuação dos tempos, embora com uma forte tendência a mudanças culturais.

Assunta estava só no descampado. Sentiu percutir em seu corpo o canto das cigarras, parecendo feitiço, cigarras, sereias que não fazem seresta, seu canto sem passado que não trazem em suas notas o timbre da eternidade... Assunta deixou-se seduzir e o canto envolveu-a como se fora casulo feito de luz, comprimindo sua pele, abrindo os poros, rasgando-os para penetrar sua entranhas... Foi quando de seu peito brotou sangue que escorregou como os filetes d'água nascidos do concreto branco das torres... O sangue caminhou pulsando, traçando riscos vermelhos na terra clara do descampado, que dele se embebia, sugando-o, de onde depois voltaria... (BUENO, 1979, p. 126).

Observa-se um processo simbiótico envolvendo Assunta e a natureza, que remete a um ciclo contínuo de renovação. Por conseguinte, a autora de *Asilo nas Torres* sinaliza para um discurso de resistência e lança mão de questões feministas e ambientais para projetar sua crítica, corroborando com as ideias de Spivak (1994) sobre o silêncio das mulheres e a resistência à agência contínua do discurso patriarcal.

### **Considerações finais**

A Ficção Científica tem se mostrado um importante veículo para a difusão de reflexões, críticas e novas perspectivas no cenário sociocultural e artístico. Por ser um gênero que traz em

si reflexos das transformações tecnocientíficas ocorridas ao longo do tempo, seu caráter futurístico, hipotético e, por vezes, afrontoso, favorece discussões paltadas em observações presentes visando resultados futuros.

Desse modo, as mulheres parecem ter encontrado nesse gênero especulativo uma maneira mais desprendida de projetar suas próprias impressões diante dos acelerados avanços e transformações. A partir da utilização de um mundo futurista imaginário, as narrativas distópicas, como *Asilo nas Torres*, contemplam eficazmente temas políticos que refletem, de uma forma ou de outra, as preocupações humanas advindas de um novo estilo de vida, favorecido por tendências presentes na sociedade contemporânea.

Ao fazer sua crítica, Ruth Bueno (1979) expressa contestação aos projetos patriarcais ainda vigentes e profundamente enraizados na sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que vislumbra mudanças de atitudes e comportamentos das personagens femininas. Em sua discussão sobre questões ambientais, denuncia o modo como o governo brasileiro lida com a natureza, devastando e poluindo em nome do progresso tecnológico. Pela amplitude de temas e pelo caráter multidisciplinar e irrestrito da obra, é possível explorá-la por diferentes vieses, possibilitando um estudo amplo e multifocal, mesmo quando se pretende enfatizar temáticas específicas.

Assim sendo, analisar as narrativas de Ficção Científica brasileiras, especialmente aquelas produzidas por mulheres, pode ser uma forma de revisitar aspectos históricos e culturais de um determinado tempo, sobretudo em se tratando de momentos em que os conflitos ideológicos e identitários possibilitaram mudanças significativas no modo de vida das pessoas.

A narrativa aqui mencionada pode ser considerada um importante registro do processo paradoxal de hibridização pelo qual a sociedade brasileira passou na segunda metade do século XX. Já a crítica de Bueno (1979), embora possa ser considerada sutil e pouco perceptível, parte de um estilo próprio da autora, lançando mão de artifícios linguísticos que só os grandes escritores foram capazes de prodigalizar. Com Assunta, Bueno (1979) termina o romance, mostrando novas perspectivas para as mulheres e para a sociedade como um todo; uma tendência que se confirmaria nas décadas de 80 e 90.

## Referências

ARAÚJO, Naiara Sales. Ficção científica e distopia: considerações acerca da cidade e do corpo em *Umbra* (1977) e *Asilo nas Torres* (1979). *Afluente: Revista de Letras e Linguística*. v. 3, n. 7, 2018.

ARAÚJO, Naiara Sales. Ficção Científica Brasileira: Ecofeminismo e Pós-Colonialismo em *Umbra* de Plínio Cabral. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. v. 18, n. 28, 2016.

BUENO, Ruth. *Asilo nas Torres*. São Paulo: Ática, 1979.

BUENO, Ruth. *A estrutura dos direitos e deveres da mulher* no anteprojeto de *Código Civil*. *Jurídica*. v. 16, p. 3-16, 1972.

GINWAY, Elizabeth. *Visão Alienígena: ensaios sobre Ficção Científica Brasileira*. São Paulo: Devir, 2010.

GINWAY, Elizabeth. *Ficção Científica Brasileira – Mitos e nacionalidade no país do futuro*. São Paulo: Devir, 2004.

KUPSTAS, Márcia. *O Demônio do Computador*. São Paulo: Moderna, 1997.

LODI-RIBEIRO, Gerson (Org.). *Como era gostosa a minha alienígena!* Antologia de contos eróticos fantásticos. São Caetano do Sul, SP: Ano-Luz, 2002.

QUEIROZ, Dinah Silveira de. *Comba Molina*. With a biography and preface by Assis Brasil. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984.

QUEIROZ, Dinah Silveira de. *A muralha*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

QUEIROZ, Raquel de. Ma-Hôre. In: QUEIROZ, Raquel de. *Histórias do Acontecerá*. Rio de Janeiro: GRD, 1961.

ROBINSON, Gemma. The Reality of Trespass: Wilson Harris and an Impossible Poetics of the Americas. *Journal of Postcolonial Writing*, v. 49, n. 2, p. 133-147, 2004.

RUETHER, Rosemary R. *Integrating Ecofeminism Globalization and World Religions*. New York: Rowman and Littlefield, 2005.

SHAW, Debra. *Women, Science and fiction: the Frankenstein inheritance*. Hampshire: Palgrave, 2010.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. London: Longman, 2000.

SILVA, Maria Lucia. Emancipação da Mulher. *Cadernos de Pesquisa*, v. 54. p. 1-5, 1973.

SPIVAK, Gayatri C. "Can the Subaltern Speak?". In: WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura. *Colonial Discourse and Post-colonial theory*. London: Longman, 1994. p. 66-111.

STABLEFORD, Brian. The SF Sub-genres. In: WINGROVE, David (Org.). *The Science Fiction Source Book*. London: Longman, 1984. p. 21-64.

STUDART, Heloneida. *Mulher: objeto de cama e mesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

VALEK, Aline. *Universo Desconstruído: Ficção Científica Feminina*. São Paulo: [s.n], 2013.

WEAVER, Roslyn. Smudged, Distorted and Hidden: Apocalypse as Protest in Indigenous Speculative Fiction. In: HOAGLAND, Ericka; SARWAL, Reema (Eds.) *Science Fiction, Imperialism and the Third World*. London: McFarland & Company, 2010. p. 99-114.

## NOTAS DE AUTORIA

**Naiara Sales Araújo** (naiara.sas2@gmail.com) é PHD em Literatura Comparada pela Universidade Metropolitana de Londres (2013) e Pós-doutorado em Literatura e Cinema pela Universidade de Granada. Atualmente é professora do mestrado Acadêmico em Letras da

Universidade Federal do Maranhão e líder do Grupo de Pesquisa FICÇA – Ficção Científica, Gêneros Pós-Modernos e Representação Artísticas na Era Digital.

**Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista**

ARAÚJO, Naiara Sales. Asilo nas torres: um olhar sobre a Ficção Científica Feminina no Brasil. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 158-171, 2020.

**Contribuição de autoria**

Não se aplica.

**Financiamento**

Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão.

**Consentimento de uso de imagem**

Não se aplica.

**Aprovação de comitê de ética em pesquisa**

Não se aplica.

**Licença de uso**

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

**Histórico**

Recebido em: 27/09/2019

Revisões requeridas em: 21/11/2019

Aprovado em: 06/01/2020

